

## **Anexo 18**

### **Feedback síntese final (CT B6)**

### Questões críticas na construção do Projecto Curricular de Turma

Feedback da investigador a participante	Síntese final
	<p><b>Questão nuclear:</b> Os professores no seu discurso manifestam estar conscientes de que são capazes de identificar problemas. Porque será que, enquanto grupo profissional, não se mobilizam para fazer uso desta competência no âmbito da construção do Projecto Curricular de turma?</p> <p><b>Questões para reflexão:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Por um lado, há um esforço no sentido do trabalho de conjunto/implicado/colaborativo, mas, por outro, transparece um trabalho muito ligado a cada Disciplina e nas Áreas Curriculares Não Disciplinares recai a maior responsabilidade nos professores responsáveis pela sua gestão/coordenação.</li> </ul> <p><b>Que condições são necessárias para que o Conselho de Turma desenvolva um trabalho colaborativo?</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Uma das reuniões iniciou por um balanço/reflexão do desenvolvimento do PCT até àquele momento. Este balanço, realizado pela Directora de Turma, sublinha aspectos sujeitos a alterações. Depois, passou-se à Avaliação/Registo das notas na pauta. Houve momentos, nos registos qualitativos, com os quais nem sempre todos estavam de acordo. Os argumentos de que se socorriam para justificarem algumas das alterações sugeridas, eram: “É tão querida”; “É enervante”; “É um amor”.... Contudo, tudo se apresenta pensado e trabalhado pela Directora de Turma, os outros colegas acompanham muito confiantes na sua Disciplina/Área, recorrendo àqueles argumentos para justificar as discordâncias; sabendo que os argumentos decorreram da Directora de Turma referir que se não concordassem com alguma coisa que o dissessem, mas sublinhando que os registos tinham por base as auto-avaliações dos alunos e que, estas, estavam muito bem feitas e tudo tinha sido muito pensado e reflectido. Por um lado, a Directora de Turma acusa ausência de trabalho colaborativo, que não transmitem nada, diz: “Não me fizeram chegar nada! Então, decidi que podia ser feito desta forma” e, por outro, quando alguém sugere alguma coisa, entusiasticamente, diz: “Espera aí. Deixa-me pensar. Espera aí, deixa-me pensar bem nisso”. Tudo é polarizado na Directora de Turma e, quando o pólo parece querer tomar outra rota que não a traçada, reage como que em defesa daquele território que tão orgulhosa e “guerreiramente” gere e defende! É um trabalho muito conseguido pela capacidade de liderança, empenho, conhecimento, dedicação da Directora de Turma e também através de muito trabalho de casa realizado. Na necessidade de dar continuidade e avançar com os trabalhos, refere com certa satisfação: “Os colegas ao aprovarem o PCT estão, automaticamente, comprometidos com ele e são responsáveis por ele”.</li> </ul> <p><b>Com que consciência? Que efeito efectivo na implicação de todos? Poder-se-á falar de Projecto?</b></p> <p><b>Entendem que a eficácia do vosso trabalho passa pelos processos metodológicos a que recorrem na sala de aula, sendo por isso que conseguem melhores resultados? Não sentem que o trabalho conjunto da escola é que realmente a provoca? Sentem-se agentes de desenvolvimento curricular ou executores de propostas? Porquê?</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <b>Será que podemos falar de momento interdisciplinar, de interdisciplinaridade quando esta é apresentada em forma de proposta pela Directora de Turma? Quando é a Directora de Turma que solicita contributo “daqui, dali d’acolá”?</b> Por exemplo, quando a Directora de turma sugeriu que uma professora trabalhasse estatisticamente os dados relativos ao 25 de Abril, a referida professora, referiu fazê-lo se lhe desse os dados todos!</li> </ul> <p><b>Será que a proposta, previamente articulada/montada, poderá desencadear interdisciplinaridade efectiva?</b></p> <p><b>O Director de Turma assume um papel de cérebro no Conselho de Turma, será esta a possibilidade de viabilizar o PCT? Porquê?</b></p>

	<p>- A atitude de resolver os problemas que surgem tendo como referência a turma, apresentando o problema como problema da turma, não foi bem acolhido pelos Pais. As representantes dos Pais achavam que, uma vez que tinham identificado o grupo, seria mais justo trabalhar com esse grupo. Pois, os outros alunos, sentiram-se injustiçados. Uma professora argumentou terem muita experiência e que haviam de conseguir encontrar estratégia para lidar, até resolver o problema. No entanto, uma das representantes dos Pais, referiu: “Os registos referem que o que se tem tentado não tem sortido efeito, não tem sido profícuo!”</p> <p><b>De que forma a experiência vivida por cada um é reflectida, é valorizada e trabalhada no grupo e na prática? Que impacto sentem ter na construção/reelaboração do PCT?</b></p> <p>- Foi com muita agitação e emoção que começou a apresentação do Teatro de Sombras sobre os <i>Direitos do Homem</i> para os Encarregados de Educação/Pais. Todos estavam organizados, muito contentes e emocionados a acompanhar cada momento da apresentação. No fim desta, mais ou menos com duração de 1 hora, os alunos entregaram uma flor aos Pais com uma mensagem escrita pelos próprios. A Directora de Turma pôs à consideração dos alunos, o quererem ler a mensagem em voz alta ou apenas entregarem aos Pais e, cada um, lia para si. Desta proposta, resultou que 3 quiseram, em voz alta, ler a mensagem, o que deu para perceber haver muita emoção e cumplicidade no ar. Quando a apresentação terminou, uma das representantes dos Pais disse: “Parabéns! Obrigada pelo belíssimo trabalho feito com os alunos”. Os alunos começaram a sair para dar início à 2ª parte da reunião, entretanto, ouviu-se: “Estou espantada com este trabalho. Eu não o conseguia fazer, era impossível!” – disse uma mãe que também é professora; Outra concordou dizendo: “Os nossos filhos têm muita sorte, fazem um trabalho espantoso”; Outro pai, também ele professor, referiu: “É fantástico o trabalho realizado. Tenho que reconhecer que tal só acontece com o enorme empenho da Directora de Turma e de mais um ou outro.”</p> <p>- A actividade alusiva ao 25 de Abril aconteceu com a colaboração solicitada ao Quartel, com intenção de criar um cenário mais adequado. O Quartel acedeu, sublinhando que apenas permitiam exposição, ter carros em exposição (1 Chaimite, 1 Painhard e 1 Jipe) e forneciam fardas e botas para que os diferentes participantes (alunos, professores, pais, auxiliares da acção educativa) pudessem “mergulhar” num cenário que recreasse o que aconteceu em 25 de Abril de 1974 – a tomada do Quartel do Carmo. Tudo estava muito bem conseguido e a expectativa era muita. A escola concedeu tolerância de ponto para poder assistir ao evento. Os militares presentes foram muitos prestativos e tolerantes para com todas as solicitações. Tudo se passou de forma muito interessante, alunos e professoras vestidas a rigor, “marcharam e tomaram o Quartel do Carmo”, retractando a revolução de Abril de 74. Havia muita cumplicidade e invenção, desde a música aos trajes e cravo vermelho, depois, distribuído pelos presentes, tudo se enquadrava de forma muito cuidada. Pais, Alunos, Professores, Auxiliares e Conselho Executivo estavam orgulhosos do trabalho desenvolvido com muito esforço e paciência, como disseram.</p> <p><b>Parece poder dizer tratar-se de dois momentos onde as tomadas de decisão para a construção do PCT tiveram muita probabilidade de levar a que a educação correspondesse melhor às necessidades e interesses dos seus destinatários, valorizando a participação dos pais, dos professores e outros parceiros sociais de forma a poder contribuir para uma integração da educação no meio, tornando-a mais sensível ao contexto cultural e pessoal, para o que em muito contribuiu a qualidade das relações dos professores entre si.</b></p> <p><b>A lógica de acção que se desenha mostra que é a escola, no seu todo, que proporciona mais valias à educação dos alunos, não se circunscrevendo à actividade dos professores considerados individualmente, embora considerados cruciais.</b></p> <p><b>O que era preciso mudar na escola e, em particular, no Conselho de Turma para que se entenda o PCT como núcleo do trabalho conjunto, com intenção de melhorar as aprendizagens dos alunos e de valorizar a profissionalidade docente?</b></p> <p><b>Qual a importância que atribuem ao PCT? Qual consideram ser a importância</b></p>
--	--

	<p><b>atribuída pela escola?</b></p> <p>- <b>O que faltou para o PCT se constituir num dispositivo de mudança das práticas?</b></p>
<p><b>Comentário da Directora</b></p>	<p>Tenho algumas dúvidas sobre a questão nuclear – identificação de problemas: gerais? Na escola? Ou, simplesmente, na turma?</p> <p>Só que a mobilização a nível de turma é condicionada pelo que se passa a nível de escola e esta pelo próprio</p>

<b>de Turma</b>	<p>sistema...</p> <p> Talvez haja necessidade de uma maior mobilização dos professores para a identificação e resolução de problemas, mas há situações que claramente os ultrapassam, tornando-se bloqueadores de uma acção.</p> <p>Questões para reflexão (várias), tentativa de um comentário conjunto.</p> <p>De facto, na escola actual, é a divisão por disciplinas que prevalece. Houve algumas tentativas no sentido de se introduzir o paradigma de projecto, que não vingaram. Cada professor defronta-se com a necessidade do cumprimento do programa, por vezes extenso e desajustado. Para o conseguir, passa ao lado daquilo que até considera importante, mas que sabe não ser tão valorizado por quem intervém na Escola.</p> <p>Com o “regresso” dos exames, esta postura é cada vez mais notória. O domínio cognitivo continua a imperar, em detrimento do afectivo e do social. Toda a política que se desenvolve vai, creio eu, neste sentido.</p> <p>Por outro lado, é difícil encontrar “pontes” entre as linhas programáticas de cada disciplina e, mesmo nos temas, propostos para interdisciplinaridade, nem sempre é possível colaborar ou colabora-se numa acção justaposta, não numa perspectiva integradora.</p> <p>O trabalho colaborativo – ou, talvez, “colaborador” – vai-se conseguindo no que se relaciona com as competências prioritárias a desenvolver, que são trabalhadas transversalmente, de forma intencional e sistemática. Também se vai conseguindo nos momentos interdisciplinares e noutras actividades de enriquecimento curricular, embora não com a totalidade do Conselho de Turma.</p> <p>Não se pode considerar ter havido uma grande evolução neste domínio. Há uma terminologia nova, documentos que se produzem, mas a realidade pouco mudou. Aumentou, sem dúvida, a participação do Conselho na caracterização da turma e na definição de competências prioritárias a desenvolver. A partir daí, normalmente, o DT elabora uma proposta (pré-projecto) a ser discutido e ajustado em sede de Conselho. Seria bom que tudo fosse construído na própria reunião, mas a Escola, tal como está organizada, não favorece essa tarefa (ausência de “tempo” para o encontro necessário, turmas demasiado grandes, prolongamento excessivo das reuniões...).</p> <p>O “trabalho de casa” do DT:</p> <p>É certo que existe muito “trabalho de casa” por parte do DT, que procura levar uma proposta de trabalho, sempre baseada, é justo dizer-se, nos elementos que lhe vão chegando. Também será justo dizer-se que a proposta é discutida (muitas vezes entregue antecipadamente) e, por vezes, alterada, o que não acontece muito, pois ela baseia-se numa realidade “estudada” por todos. Mas..., se assim não fosse, seria difícil a elaboração/construção do PCT, no tempo e nas condições de que dispomos.</p> <p>Nos momentos interdisciplinares propostos, seria bom que cada área/disciplina, em interacção com os outros, analisasse as possibilidades de um trabalho eficaz conjunto, construído colectivamente. Não é assim e penso que a grande razão se prende com o que já foi referido anteriormente – a extensão e possível desajustamento dos programas, que têm de ser cumpridos, e a divisão por disciplina, base de orientação da Escola. O facto de haver uma proposta de trabalho “poupa” tempo e permite a concretização de algo que, não podendo ser apelidado de trabalho colaborativo, ultrapassa, de longe, o mero trabalho “individualista” e é muito positivo para os alunos.</p> <p>Trabalho colaborativo: até que ponto?</p> <p>Independentemente de se conseguir ou não um trabalho verdadeiramente colaborativo, é de salientar a coesão do grupo, a receptividade, a colaboração e, sobretudo, o muito trabalho investido. O facto de sabermos ouvir, ajustar, alterar (se necessário...), avaliar... é muito importante e isso já acontece nos nossos Conselhos de Turma.</p> <p>É certo que as ideias de “flexibilidade curricular”, “trabalho colaborativo”... já tiveram melhor terreno para germinarem... Agora, há a percepção de que muita coisa se esbarra – tudo se inclina no sentido de “executar” sem grande manobra para “construir...” Infelizmente!! (Off record!)</p> <p>É por isso que, mesmo com tantos “defeitos”, vale a pena, sempre, tentar algo diferente, o possível, não o desejável...</p> <p>O Director de Turma, mais uma vez!...</p> <p>Sou de opinião de que o papel do DT é fundamental na gestão do trabalho, no impulso que dá às actividades, na relação que estabelece com os colegas, na motivação que consegue imprimir ao grupo... Refiro-me a todo e qualquer DT, da sua dinâmica dependerá muito o que se irá passar em sede de CT. Talvez, no caso vertente, e pelas características pessoais da DT, o trabalho se torne demasiado centrado, polarizado nela. Seria melhor que assim não acontecesse, mas, a proceder de maneira diferente, fica a dúvida sobre a realização de muitas das “propostas”. No entanto, é importante reflectir sobre o que é melhor para os alunos. Mais, da maneira que foi implementado; menos, mas construído por todos, correndo-se o risco de ficar muito aquém do desejável, sempre pelas condições em que trabalhamos e pela “rigidez” do Sistema.</p> <p>Os Pais/os seus representantes/experiências vividas:</p> <p>Há alguma dificuldade, em minha opinião, na assunção de um papel de “representação” efectiva, no que se relaciona com os representantes dos Pais. Posicionam-se, quase sempre, como “pai de...”, “mãe de...”, não se</p>
-----------------	--

	<p>tornando fácil “dar o salto” para o colectivo. De qualquer forma, julgo que é um trabalho a ser feito, já em curso, e o resultado, progressivamente, vai aparecendo.</p> <p>A questão que surgiu, de difícil abordagem, foi totalmente contornada e, sem deixar de admitir outras, penso que foi a melhor via, dentro do projecto que estávamos a concretizar com a turma (não esquecer as suas especificidades).</p> <p>Quando se interroga sobre os reflexos da experiência vivida por cada um na valorização do grupo e na prática, fico com algumas dúvidas: grupo “alunos” ou grupo “pais/professores”? No que se refere ao 1º, penso que este caso foi, particularmente, de grande valia e permitiu a valorização de comportamentos que estavam a ser trabalhados por todos desde o princípio do ano – solidariedade, espírito de turma, não-violência, redução de atitudes competitivas...</p> <p>No que se refere aos Pais, penso ter havido compreensão (talvez tardia) dos objectivos de uma acção, do quadro em que tudo se desenrolou e a aceitação do caminho seguido como o mais certo.</p> <p>Os professores acompanharam toda a discussão/situação, informalmente e em reunião, reflectiram sobre o caminho seguido, discutiram vias alternativas e tiveram de se munir de estratégias para que tudo se tornasse transparente aos olhos de Alunos e Pais.</p> <p>Conclui-se que a via seguida foi a mais conveniente, mas estou convencida de que, se tal não fosse evidente, não haveria problema em reformular atitudes, invertendo a acção.</p> <p>Quanto à DT, será de salientar que a sua atitude inicial foi antecedida de profunda reflexão, tendo havido troca de impressões com colegas vários, dentro e fora do CT, e um momento em que, simplesmente, não sabia o que fazer...</p> <p>AS ACND:</p> <p>Pela experiência vivida, acredito nas potencialidades das ACND. Elas são um espaço privilegiado de enriquecimento e interacção e favorecem “pontes” para o trabalho conjunto. Seria, sem dúvida, bom, que recebessem um maior contributo de todos e por todos fossem devidamente avaliadas e, se necessário, reformulada a sua planificação. Mas nem sempre o desejável é o possível. No entanto, tenta-se sempre, que elas respondam aos problemas da turma e actuem no desenvolvimento das competências estabelecidas como prioritárias pelo CT.</p> <p>O “sucesso” das actividades “interdisciplinares”:</p> <p>As actividades interdisciplinares de enriquecimento curricular foram bem conseguidas, pelo envolvimento entusiástico de todos os intervenientes – alunos, professores, pais... Tendo, sem dúvida, o DT um papel importante, elas não teriam a dimensão atingida se não houvesse receptividade e participação activa de diferentes professores, entusiasmo e responsabilidade dos alunos, colaboração dos pais, numa escola aberta, que permite actividades assim. Também muitas parcerias sociais acederam ao que foi pedido, tornando a “festa” ainda mais linda...</p> <p>O que faltou para o PCT se constituir como dispositivo de mudança das práticas?</p> <p>Há três documentos importantes na Escola, que deviam ter uma estreita ligação entre si: o Projecto Educativo, o Projecto Curricular de Escola e o Projecto Curricular de Turma. Na prática, tal ligação não se verifica, embora estejam implícitos, em toda a acção da Escola, os princípios orientadores do seu PE. O Projecto mais “construído” e em que os professores mais se revêem é o PCT. Mas este, para ser um verdadeiro Projecto, enfrenta obstáculos difíceis ou impossíveis de ultrapassar, porque a organização da Escola (geral) o impede.</p> <p>Em 1º lugar, as escolas são enormes, com o público a exceder largamente o que seria desejável – massifica-se o ensino, não há espaços para actuar/agir, a dificuldade de todos participarem na construção de um “edifício” que deve ser de todos é uma realidade. (Ninguém pode considerar mesmo seu aquilo que não ajudou a construir... ou não desejou...).</p> <p>Seria importante um PE em que todos se revissem, um PCE que fosse a base de uma acção conjunta, um PCT que tivesse em conta os anteriores e um determinado grupo de alunos/pais/professores... Como conseguir tal numa escola que se desdobra pela manhã e pela tarde, com falta de tempos de encontro, com orientações ministeriais avulsas, algumas contraditórias, com pouca formação de qualidade para os seus profissionais, com Reformas que avançam sem terem em conta os principais interessados, com uma descrença generalizada dos professores, ...???</p> <p>Sendo assim, aquilo que fica mais perto dos professores, o âmbito em que eles mais directamente actuam, é no do PCT. Há um grupo de alunos, com determinadas características, com o qual se vai ter de trabalhar; professores de diferentes áreas, com sensibilidades diversas, que terão de actuar; pais, naturalmente envolvidos no processo educativo dos seus filhos, também eles diferentes, isto é, mesmo a um nível “micro”, há muitas componentes a ter em conta, para um trabalho eficaz. Seria bom que, perante determinado grupo de alunos, caracterizado tão profundamente quanto possível por todos – o que já vai acontecendo – houvesse um projecto de acção: que problemas? Que necessidades? Que pontos fortes? Que fragilidades? Como orientar a intervenção? Que competências desenvolver prioritariamente? Que estratégias seguir? Qual o contributo possível das diferentes</p>
--	--

	<p>áreas/disciplinas? Etc, etc, etc. E a resposta a tudo isso deveria ser conjunta, com contributos mais ou menos específicos desta ou daquela área, sem espartilhos de nenhuma ordem e um único objectivo: promover uma aprendizagem motivadora de qualidade, para um desenvolvimento que se pretende inteiro, enfim, uma educação integral. Porém, o que a realidade nos oferece é bem diferente: programas extensos e discutíveis, fechados sobre si mesmos, dando pouca oportunidade aos professores de estabelecerem articulações (ou então – hipóteses, também possível – , não as saberemos fazer e fechamo-nos nos nossos “castelos”...); horários rígidos, sem espaços/tempos que permitam uma gestão própria; ausência de momentos de encontro; muitos alunos, múltiplos problemas... Como se constrói o PCT? Não sei e, por tudo aquilo a que assisto, sei-o cada vez menos. Pelo que fica referido é que considero que, se um grupo de professores, conhecedor dos seus alunos, tenta levar a sua profissão a sério, tendo, como quadro de referência da sua acção, o PCT que ajudou a construir ou aceitou como válido (embora a construção conjunta se restrinja às competências transversais/atitude/metodologias/estratégias/avaliação...); é receptivo às ideias e as ajuda a pôr em prática; procura tornar reais momentos de responsabilidade colectiva; partilha preocupações com colegas; sabe ouvir os pais; solicita a participação activa e democrática dos seus alunos, na resolução dos problemas que vai encontrando, ... está a construir a escola cidadã possível e a contribuir para a formação de cidadãos responsáveis, apesar de não se libertar, por razões várias, do “casulo” disciplinar que limita, sem sombra de dúvida, a sua acção...</p>
--	--